

# Resenhas

---

## Friedrich Froebel: o pedagogo dos jardins de infância

autora Alessandra Arce  
cidade Petrópolis  
editora Vozes  
ano 2002

A obra *Friedrich Froebel: o pedagogo dos jardins de infância*, de Alessandra Arce, integra a coleção Educação e conhecimento, coordenada pelo professor Antônio Joaquim Severino, publicada pela editora Vozes. Essa coleção, que tem por objetivo apresentar linhas básicas do pensamento de grandes teóricos da educação, adquire um ganho maior com a obra sobre Froebel, um teórico de suma importância para a história da educação infantil.

Ao introduzir a obra, Arce lembra que a denominação em alemão *Kindergarten* – *kind*: criança; *garten*: jardim – foi criada por Froebel para identificar as instituições para crianças em idade pré-escolar. O termo jardim-de-infância é coerente com sua concepção, pois para ele, a infância é comparada a uma planta que necessita de água, solo rico, nutrientes e luz do sol, tudo sob os cuidados de um bom jardineiro ou jardineira que saiba ouvir as necessidades de cada planta, ou seja, de cada criança.

A autora lamenta a ausência de mais obras de Froebel, a única obra traduzida é a *Educação do homem* (UPF,2001) e a *Revista do Jardim da Infância* (1896-1897) uma tradução parcial produzida pela Escola Caetano Campos, espaço do primeiro jardim-de-infância público no Brasil.

No primeiro capítulo, Arce preocupa-se em situar o leitor no tempo em que Froebel viveu. Para isso recorre ao historiador inglês E. Hobsbawm, especialmente à sua obra *A era das revoluções* (1996) que trata da história européia entre 1789 e 1848, fase que quase coincide com a de Froebel, (1782 a 1852). Esse período de guerra – como as napoleônicas – e Revoluções – como a Francesa, a Industrial e as de 1848 – faz triunfar a indústria do capitalismo, a liberdade e a igualdade.

de para a sociedade burguesa liberal. Registra ainda dados históricos sobre uma Europa agrária com relações conflituosas entre campo e cidade que contrastavam com a rápida ascensão comercial, manufatureira e atividades intelectuais e tecnológicas. Neste período, o caminho para o ideal liberal do indivíduo eram as revoluções, assim a autora analisa brevemente a Revolução Industrial, que teve início na Inglaterra, uma nação que já apresentava características de uma economia capitalista anterior a essa revolução. Apesar da influência inglesa na economia européia, o texto lembra ainda a influência da França que, pelo Iluminismo, sustenta as principais categorias da concepção de um modelo liberal burguês na qual a educação desempenharia um papel essencial para formar o cidadão para o novo regime.

Ressalta de forma substancial que nesse período – apesar dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade – as distinções sociais existiam e a chave para ascensão social era o talento de cada indivíduo, isso era exemplificado com o mito de Napoleão, um homem comum que chegou ao poder utilizando seu talento pessoal. Após as revoluções, abre-se então a carreira para o talento e a educação passa a significar o triunfo dos méritos, individualizando-se o fracasso e o sucesso, intensificando o desprezo da classe dominante pela massa de trabalhadores. A pouca inteligência atribuída aos pobres era motivo suficiente para mantê-los à beira da indigência trabalhando nas fábricas, incansavelmente, para dar exemplos aos filhos. Arce destaca os artistas e intelectuais que interferiam nos assuntos públicos com clara função social e relação direta com o público buscando desenvolvimento pleno do ser humano em um esforço para encontrar saída para os problemas sociais agravantes da época. O Romantismo é um exemplo dessa atitude, nele a infância era considerada o melhor da natureza humana e que era corrompida pela sociedade. Essas idéias deram suporte a muitos teóricos da época como Rousseau e o próprio Froebel, que consideravam a infância portadora de toda a bondade e pureza. Conclui este capítulo registrando que a Alemanha – da era das revoluções – em que Froebel viveu, era um país conservador e retrógrado. E a pedagogia deste autor é construída em meio às contradições e realidade social daquele momento histórico, daí a importância do cuidado da autora em localizar o tempo e o espaço em que Froebel viveu, objetivando facilitar a compreensão da vida, obra e princípios educacionais que ela abordará no segundo capítulo.

Segundo Arce, a infância do autor pode ter influenciado em sua formação autodidata. O pai, pastor, ensinou-o a ler, escrever, calcular e principalmente os princípios religiosos do protestantismo, marca da concepção educacional froebeliana. Na universidade, estudou filosofia e ciências naturais que exerceram grande influência em suas concepções. Aluno de Schelling, Karl Christian e Krause, que faziam parte do movimento romântico, Froebel incorpora em sua pedagogia a natureza como obra perfeita de Deus, a unidade dos contrários e a harmonia das formas com as crianças que concretizam nos chamados “dons”. Para ele, a natureza é um símbolo do espírito divino e a criança deve viver em harmonia com esta, para naturalmente se harmonizar com o espírito divino. Ainda sobre a natureza, Froebel defende que ela é objetiva, real e permanente, possui uma unidade que é Deus, não desvincula homem da natureza cuja essência é espiritual, teológica – os dons vêm daí – e como um símbolo, a natureza deve ser reconhecida como um poderoso instrumento educacional e pedagógico.

Distante do mundo acadêmico – considerado por ele como um espaço de conflitos distante da realidade – Froebel inaugura sua escola em uma fazenda longe dos grandes centros, mantendo-se alheio às discussões sociais e econômicas do período, ao contrário de Pestalozzi, de quem Froebel discordava, também de sua metodologia com crianças pequenas que desde cedo eram iniciadas na leitura e na escrita. Apesar das diferenças, Froebel incorporou vários princípios de Pestalozzi, entre eles a percepção como ponto de partida para a educação da primeira infância e a importância do papel da mulher como educadora nata nesse processo. Arce registra ainda que para este educador alemão, o processo de exteriorização e interiorização durante a primeira infância são confusos e para mediá-lo, necessita de vida e atividade, não de conceitos e palavras, para ele o professor deveria observar seu aluno para entender sua dinâmica, essência, potencial e talento, princípios exigidos para a sociedade de sua época. Na metodologia froebeliana, três pontos eram fundamentais: seguir Jesus – modelo da perfeição humana – preservando a liberdade de cada um para desenvolver seus talentos; desenvolver no educando o princípio de que o homem e a natureza possuem existência em Deus, orientando-o para uma vida pura e santa e respeitar a natureza, a ação de Deus e a manifestação espontânea do educando.

Em 1816, Froebel funda o Instituto de Educação em Griesheim, no qual permanece durante 13 anos e onde escreve sua mais importante obra filosófica *A educação do homem*, em 1826. Com esse livro, o autor introduz uma discussão da psicologia do desenvolvimento como fundamento da educação, atrelando a cada estágio – primeira infância, infância e idade escolar – um tipo de educação. Na escola, tudo deveria ser vivido e levar as crianças a pensar, defendia Froebel, o princípio da auto-atividade livre em sua escola fundamenta mais tarde os pilares do movimento escolanovista: o professor trabalhando baseado nos conhecimentos prévios dos alunos.

Nessa obra, o autor enfatiza a necessidade de educar a infância em conjunto com a família, a infância se torna o centro da família e o talento da criança definiria seu lugar na sociedade, além de insistir na figura da mãe como educadora nata da primeira infância. Dá ênfase aos trabalhos manuais entendendo o trabalho como benéfico, mas que sem a religião embrutece o ser humano, visão esta que não se entende como crítica às condições de trabalho da época e sim para a pregação da aliança entre religião, temperança e laboriosidade, pensamento da ética protestante. Para a proposta da criança se auto-educar, Froebel elege o jogo e a brincadeira como referência, formas como a criança utiliza para expressar seu mundo e geradores do desenvolvimento da primeira infância. Criou brinquedos educativos chamados de “dons” como uma forma de desenvolver a inteligência e essência da criança brincando, para assim mostrar seu talento. Os seis primeiros “dons” de Froebel são explicitados neste capítulo no qual Arce lembra que esse material está reunido no livro *Pedagogia dos jardins de infância*, de 1917 e no jornal *A Hora Dominical*, no qual o autor publica posteriormente a continuidade de mais quatro de seus “dons”. Em 1840, Froebel funda o primeiro jardim-de-infância (*Kindergarten*), um centro para orientar e cultivar nas crianças menores de 6 anos, suas tendências divinas, sua essência humana através dos jogos e atividades livres. Um recanto entregue às mulheres, únicas capazes de cultivarem nas criancinhas seus talentos e germes da perfeição humana ligada a Deus. Com a expansão desses centros, Froebel inicia vários cursos para a formação das jardineiras, mulheres dotadas de todos os requisitos para a educação. Apesar de Froebel nunca ter se envolvido com política, em 1851 foi acusado de ateísmo e de ser socialista; foram proibidos

os jardins-de-infância na Alemanha. Faleceu em 1851 sem que suas instituições voltassem a funcionar.

A difusão da pedagogia froebeliana e sua influência no Brasil é analisada no terceiro capítulo no qual a autora discorre sobre o apoio que este educador teve das mulheres para a continuidade e expansão de sua obra pela Europa e Américas, como a Baronesa Von Marenholtz-Bulow que descreve em seu livro *Reminiscences of Friedrich Froebel* seus diálogos com ele até sua morte. Essa baronesa é responsável pela disseminação dos jardins-de-infância por toda a Europa. Na América, especialmente nos EUA, a pedagogia froebeliana é divulgada por Margarethe Schurz, Elizabeth Peabody e Susan Elizabeth Blow e é através do trabalho das duas últimas que essa pedagogia chega ao Brasil. Em 1896, na Escola Normal Caetano Campos, em São Paulo, cria-se o primeiro jardim-de-infância público do país, um espaço destinado para crianças da elite que contava com uma extensa equipe de professoras que traduziram trechos de Froebel na *Revista do Jardim de Infância* de 1896 a 1897. Arce salienta a importância dessa revista como fonte de estudos sobre a metodologia froebeliana no Brasil, destacando trechos dela para que o leitor conheça um pouco sobre o conteúdo desse material que vem sendo estudado por pesquisadores da área de educação infantil no Brasil.

No capítulo quatro, a autora discorre sobre a atualidade da obra de Froebel, ressaltando mais uma vez a ligação de Froebel com sua época e a necessidade de ser estudado de forma cuidadosa. Lembra que os princípios do autor ainda repercutem na atualidade, especialmente no lema “aprender a aprender” difundido intensamente na corrente que se denomina como “construtivista”. O uso das brincadeiras e jogos na educação infantil teve Froebel como um dos seus precursores. A obra desse educador não pode ser desvinculada do seu período histórico na qual queria descobrir os talentos individuais da criança para inseri-lo melhor em seu meio, melhor adaptação social e a tão desejada harmonia com a humanidade. Com isso, vinha à tona o caráter individualizante da escola, na qual deveria atender aos interesses individuais da criança. Froebel parte de uma infância idealizada, crendo na criança como semente de pureza do amanhã, como se todos partissem do mesmo ponto e com as mesmas condições, um fato que não era verdadeiro na época, nem hoje. A autora

ainda questiona a força das idéias de Froebel presentes na atualidade e indaga se houve evolução ou apenas colocou-se o velho vinho em novas garrafas. Reforça sua indagação ressaltando se, como Froebel, não estaríamos adotando uma atitude romântica em relação à escola, colocando-a como solução para os problemas socioeconomicos e se ainda não temos mulheres que trabalham com crianças pequenas utilizando-se da figura idealizada da mãe sem assumir uma postura profissional como na pedagogia froebeliana. Arce conclui sua escrita com vários questionamentos atuais indicando para o leitor a importância de se estudar o autor e suas idéias no interior do contexto em que foram produzidas. Fecha sua obra com um capítulo sobre o “Uso do jogo” extraído do livro *A pedagogia dos jardins de infância* (1917) de Friedrich Froebel, ilustrado com alguns “dons” do mesmo autor.

*Diane Valdez*

*Professora de História da Educação da Universidade Estadual de Goiás, mestra em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e doutoranda em História e Filosofia da Educação pela UNICAMP*